

LITERATURA MEDIEVAL

Volume IV

ACTAS DO IV CONGRESSO
DA
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de
AIRES A. NASCIMENTO
e
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

Lisboa
1993

© 1993, **EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL**

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte
Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: **EDIÇÕES COSMOS**

1ª edição: Maio de 1993
Depósito Legal: 63841/93
ISBN: 972-8081-07-3

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)
Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMÓS

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01
Fax: 347 82 55

O Interdito e a Ocultação: Dois Topoi na *Demanda do Santo Graal*

Maria Gabriela Carvalhã Buescu

Universidade Nova de Lisboa

No Congresso Arturiano de Caen, em 1966, o arturiano R. Guette definiu o *Perceval de Chrétien de Troyes*, como «*l'aventure que Chrétien a mis le plus de soin à ne pas nous expliquer*». No mesmo sentido, Pauphilet afirma que, com esta obra, temos «*un trésor offert à la fois aux recherches de la science et aux jeux de l'imagination*» e Martin de Riquer considerava-a, nas letras europeias, como «*un de los más apasionantes y fecundos enigmas*». De qualquer modo, a complexa teia que forma a estrutura narrativa dos textos arturianos nomeadamente da *Demanda do Santo Graal* constitui um desafio ao desemaranhar das aventuras cumulativas e recorrentes que se ligam à interpretação do texto.

Com efeito no âmbito da prosa literária medieval portuguesa, a *Demanda do Santo Graal* revela-se de uma importância relevante, já que da trilogia portuguesa de textos arturianos *José de Arimateia*, *O Livro de Merlin* e *A Demanda do Santo Graal* é esta que contém interferências implícitas e explícitas mais evidentes em relação aos textos bíblicos, Antigo e Novo Testamento, consequência directa e imediata da cristianização dos temas originais. Trata-se pois, de textos de raízes célticas, embora já profundamente inseridos e metamorfoseados pela tradição cristã.

Apesar de Yves Bonnefoy afirmar que só a partir de Robert de Boron o mito do Graal foi cristianizado, o certo é que já Chrétien de Troyes havia inserido no seu *Perceval ou Li Contes dou Graal* algumas incidências cristãs. De facto, não só o Graal em si, mas sobretudo a Lança, simbolizam não ideias pagãs mas sim temas cristãos ou cristianizados.

É nesse sentido que Ribard afirma:

«La tentation de christianiser les mythes était trop forte, nous semble-t-il, pour que nos auteurs ne s'y laissent pas aller (...). Nous voulons parler de l'habillage chrétien qui vient comme de l'extérieur, désigner le mythe, à la faveur de rapides notations empruntées à la civilisation du temps. (...) ces messes auxquelles assiste le héros, ces chapelles qu'il croise sur sa route, ces ermitages au coeur des forêts, ses fêtes religieuses qui scandent le récit».

No contexto das novelas arturianas parece, pois, que para além do termo Graal e da forma que pode revestir, importa também o material precioso que lhe confere um significado mais amplo, o qual, de resto, tem dado origem a inúmeras interpretações. De facto, na questão relativa aos cavaleiros da Távola Redonda, parece significar o «corno de abundância», por ter o poder de oferecer a cada um dos cavaleiros o alimento que cada um prefere e também ao Rei Pescador, como seu único alimento, a hóstia que está no seu interior.

O Graal apresenta, pois, virtudes nutrientes de que insistentemente nos dão conta os textos. Assim, quando Lançalot pretende alcançar a câmara do Graal (que lhe está vedada), tema de ocultação e de interdito, diz-nos o texto:

«Ao terceiro dia aveo que o rei Peles siia a seu manjar no paaço aventureiro e eram já todos servidos da graça do Santo Vaso».

E mais explicitamente quando, antes ainda de penetrar no Castelo de Corbenic, Galaaz se aproxima:

«Aquel dia que passou Galaaz perante os tindilhões, podia seer hora de meo-dia e el-rei siia aa mesa e seus ricos-homões com ele, e eram mui viçosos de comer, mais nom pero (não unicamente) pela graça do Santo Vaso, ca o Santo Vaso nunca saía de Corberic per mão de homem. Mais todos aquêles sem falha que no paaço aventureoso comiam, aquêles eram avondados de quanto haviam mister, a tanto que orassem em sa viinda».

É ainda mediante essa virtude nutriente que Galaaz, Boorz e Persival, quando em Sarraz são aprisionados pelo cruel Escorante, sobrevivem, corporal e espiritualmente alimentados pelo Graal, durante um ano:

«Aquêles rei era bravo e desleal mais que homem do mundo (...) e mandou-os entam filhar e deitá-los em prisom, e teve-os i ã ano. Mas nom escaecerom a Nosso Senhor, ca logo meteu dentro o Graal com êles, per que foram avondados de quanto mester houverom enquanto foram na prisom».

É assim que, retirado o Graal do reino de Logres, nunca mais este seria abundado pelos seus manjares:

«Em tal guisa como vos digo, perderom os de Inglaterra o Santo Graal, que houveram muitas vezes muito bem por êle, e foram muitas vezes avondados por êle, e que mentre el foi no reino de Logres, nunca houve fome na terra, mais tanto que se el partiu, começou tal fome (...)».

Além da virtude nutriente que já se evidenciara na primeira aparição do Graal em dia de Pentecostes, o Graal irradia luz ofuscante. Eis como Chrétien de Troyes descreve a sua aparição:

«Une demoiselle très belle, et elancée et bien parée qui avec les valets venait, tenait un grand graal entre ses mains. Quand en la salle elle fut entrée avec le Graal qu'elle tenait, une si grande lumière en vint que les chandelles en perdirent leur clarté comme les étoiles quand se lève soleil ou lune».

A característica iluminadora surge também, com insistência, na Demanda, desde a primeira aparição do Graal em Camaalot, e sempre que é descrito no tabernáculo de Corbenic. Em Camaalot:

«Contra a noite, depois de vésperas (...) ouviram, vëir ãu torvam tam grande e tam espantoso, que lhes semelhou que todo o paaço caia. E logo depois (...) entrou ãa tam grande claridade, que fez o paaço dous tanto mais claro ca era ante».

Em Corbenic:

«Quando Lançalot entrou no paaço aventureoso (...) viu grã lume e entrou por veer que havia i (...); e foi-se de câmara em câmara até que chegou aa câmara u o Santo Graal era; e viu el tam grã lume como se fôsse hora de meio-dia».

Se para Chrétien o Graal era um vaso feito de ouro incrustado de pedras de todas as variedades, das mais ricas e das mais preciosas, transportado por formosas donzelas, na *Demanda do Santo Graal*, pelo contrário, o Graal não é descrito o que reforça o sentido de ocultação e interdito. Só conhecemos os efeitos que provoca quando entra na sala onde estão os cavaleiros, acompanhados de luz ofuscante e também de «bom odor»:

«E eles seendo, entrou no paaço o Santo Graal, cuberto de ãu eixamete branco; mas nom houve i tal, que visse quem no tragia. E tanto que entrou i foi o paaço todo comprido de bõ odor, como se tôdalas espécies do mundo i fossem».

Assim, simultaneamente ao aparecimento do Graal, enche a sala de maravilhosos odores. E isto é tudo quanto se sabe neste passo acerca do Graal, que desaparece tão misteriosamente como surgira. Contudo, sublinhemos que se tratava sem dúvida de um vaso, já que é frequentemente designado como tal:

«E foi-se de câmara em câmara até que chegou aa câmara u o Santo Graal era; e viu el tam grã lume como se fôsse hora de meio-dia. E catou a câmara e viu-a tam fremosa e tam rica, que nunca viu cousa que lhi tam bem parecesse; e em meo da câmara, estava ãa távoa de prata em logo de altar, e o Santo Vaso de suso, cuberto tam ricamente como era aquêl dia que Iosep fêz o primeiro bispo e cantou missa. Quando el viu o logar u o Santo Vaso estava, logo soube bem que aquêl era o Santo Graal e disse: — Ai Deus! como seeria bem aventurado quem podesse ora veer aquêl vaso que ali está cuberto, por que tantas grandes maravilhas aveeram no reino de Logres».

Com efeito, se na *Demanda*, o Graal é portanto, um vaso do qual emana um bom odor e que irradia uma clara luz que enche toda a sala, tanto neste texto como no *Perceval*, ele contém simultaneamente um alimento espiritual, isto é, uma hóstia que serve para alimentar o Rei enfermo.

Por outro lado, nota-se que, como acentua Frappier:

«Chrétien (...) n'a pas supprimé le caractère nourricier du graal. Il l'a atténué, ou plutôt adapté au sens religieux (...).

Esse sentido religioso está, de resto, insinuado na designação também ambígua, vaga e potenciadora de valor transcendente ou espiritual «sainte chose».

Denuncia-se pois uma tentativa de o autor identificar o objecto com um símbolo cristão, embora de uma forma completamente distinta da que o tradutor (autor?) da *Demanda* utilizará.

Quanto à hóstia, guardada no Graal, isto é, quanto ao seu conteúdo é nos dois casos um alimento espiritual e taumatúrgico na medida em que é o único alimento do rei. Martin de Riquer, entre outros rejeita a hipótese de Frappier ao considerar a hóstia, em *Perceval*, como uma hóstia não consagrada e por isso mesmo não representando o Corpo de Cristo:

«En el graal se lleva una hostia, y no puede ser sino una hostia consagrada y hay que rechazar la hipótesis lanzada por Frappier al suponer que l'hostie du graal est une hostie non consacrée, qu'elle est nourriture miraculeuse sans être **corpus Christi**».

Mas se podem existir dúvidas quanto à sacralidade no que diz respeito ao *Perceval*, o mesmo não se passa quanto à *Demanda*. Com efeito, tudo na *Demanda* converge para os principais passos da Paixão de Jesus Cristo, tal como Albert Béguin sugere a propósito da *Queste del Saint Graal* do ciclo da Vulgata, texto, aliás, com importantes pontos de contacto com a *Demanda*:

«Le Graal représente à la fois, et substantiellement, le Christ mort pour les hommes, le vase de la Sainte Cène (c'est-à-dire la grâce divine accordée para le Christ à ses disciples), et enfin le calice de la messe contenant le sang réel du Sauveur. La Table sur laquelle repose le vase est donc, selon ces trois plans, la pierre du Saint-Sépulcre, la table des Douze Apôtres, et enfin l'autel où se célèbre le sacrifice quotidien. Ces trois réalités, la Crucifixion, la Cène, l'Eucharistie, sont inséparables et la cérémonie du Graal est leur révélation, donnant dans la communion la connaissance de la personne du Christ et la participation à son sacrifice Salvateur».

As afirmações de Albert Béguin revestem-se de suma importância, mesmo referindo-se à *Queste del Saint Graal* do ciclo da Vulgata. Efectivamente, embora esteja relativamente distanciada da *Demanda* portuguesa, o certo é que com ela apresenta afinidades e, assim, na *Demanda* podemos detectar também alguns passos da vida de Jesus Christo. O Graal representaria o Cristo morto na cruz e por isso só os eleitos teriam acesso a ele. Na própria *Demanda* o Graal ou o Santo Vaso significa em si «as grandes puridades de Nosso Senhor», ou seja, os supremos mistérios da Vida de Cristo, tal como o ermitão revela a Boorz, quando este ingenuamente manifesta a sua ignorância:

«— Certas, de grã cousa vos trabalhades, de demandardes as puridades de Nosso Senhor e de buscardes as maiores maravilhas do mundo. (...) Mas êsto me dizede primeiramente: sabedes que é a demanda do Santo Graal?

— Nom mui bem, disse Boorz.

— Eu vos direi, disse êle o que é demanda do Santo Graal buscar: tanto quer seer como buscar as maravilhas da Santa Igreja e as cousas abscondidas e as maravilhas e as grandes puridades que Nosso Senhor nom quis outorgar que homem as achasse que jovesse em pecado mortal».

Este é pois o principal significado do Santo Graal ou, como também é chamado, do Santo Vaso, ao que adiante o ermitão, na sua conversa com Boorz, acrescenta:

« A demanda do Santo Graal é, pois, que el espartiu os bõos cavaleiros dos maus, assi como o grãoa da palha. E quando êle partir os luxuriosos dos bõos cavaleiros, entam mostrará a êstes homees bõos e a êstes bem-aventurados as maravilhas que andam buscando do Santo Graal. Entam os avondará do bem do Santo Graal e da sua santa graça, e do bento manjar onde falaram os profetas e os homẽes bõos desta terra».

É desta forma que o Santo Graal é esclarecido no texto da *Demanda*, em que os grandes mistérios de Deus através de Cristo são explicados. Esta explicação não se pode de modo algum ignorar no contexto da *Demanda*, visto que se trata do significado do objecto mais importante. O eleito para a missão de encontrar o Graal, Galaaz, o «puro dos puros», o cavaleiro desejado, simboliza a própria imagem de Cristo vivo. A hóstia, por seu lado, seria uma representação da Última Ceia, com os doze apóstolos, neste caso cavaleiros, os nove que já lá se encontravam e os três a caminho: Galaaz, Palamades, o bom cavaleiro cujo único defeito era não ser cristão, tendo-se depois convertido e baptizado, e Persival, ou seja, os doze Apóstolos que se encontravam reunidos à volta da mesa da Última Ceia. A hipótese é corroborada por vários arturianistas. De facto, não só Albert Béguin ou M. M. Davy insistem neste ponto como até Tzvetan Todorov.

Em última instância, o Graal propriamente dito representa de uma forma globalizante a procura da plenitude espiritual, que é operada pela ascese e pela graça divina. Essa graça divina consiste, no próprio alimento eucarístico que o vaso contém, a hóstia, fonte da Vida, da elevação moral, da purificação física e espiritual. E, uma vez que o Rei se alimenta única e exclusivamente dela, é o símbolo máximo da ascese. A própria forma do Graal (na sua forma mais usual), como um receptáculo, aponta para qualquer coisa escondida — porque sagrada — mas encontrada. É desta maneira que Pierre David afirma:

«ce mythe semble, à première vue, se présenter comme dans un tryptique: le Graal donné, le Graal caché, le Graal retrouvé»

Nas palavras de Pierre David, o Graal é dado por Deus, mas está escondido à espera do Eleito, a quem se descobrirá no tempo devido. Não é, portanto, unicamente símbolo de uma demanda que implica a Perfeição espiritual, mas é sobretudo símbolo do Deus e da graça divina que é oferecida pelo próprio Cristo. Por isso ele está escondido (bem como a hóstia), para que os olhos profanos o não maculem.

O problema do Graal oculto e descoberto, referido por Pierre David, parece-nos ser um dos aspectos que com mais evidência se descortinam na *Demanda*. Surge, desde a sua primeira aparição, na corte do rei Artur, coberto, isto é, oculto:

«E êles assi sendo, entrou no paaço o Santo Graal, cuberto de ãu eixamete branco».

É também coberto que ele surge perante os olhos do pecador Lançalot:

«(...) e em meo da câmara, estava ãa távoa de prata em logo de altar, e o Santo Vaso de suso, **coberto** tam ricamente como era aquêle dia que Iosep fêz o primeiro bispo e cantou missa.

Quando el viu o logar u o Santo Vaso estava **cuberto**, logo soube bem que aquêlê era o Santo Graal e disse:

— Ai Deus! como seria bem-aventurado quem podesse ora veer aquêlê vaso que ali está **cuberto** (...)

Quando Galaaz entra na câmara do Graal, em Corbenic, embora o texto não seja explícito, parece que também ainda o Graal está coberto:

«(...) viu em meo da câmara (...) ãa távoa de prata u o Santo Vaso estava tam honradamente como nossa estória há já divisado»

Coberto estará também na nave de Salomão, onde embarcam Galaaz e Persival:

«entraram dentro e acharom sôbêlo leito, que em meo da nave estava, o Santo Graal, de suso **cuberto** de ãu rico pano de sêda tam fremoso e tam rico, que era ãa grã maravilha»

Finalmente, no «paaço espiritual», na cidade de Saarraz, o Graal descobre-se como um cálice de missa:

«E quando foi depô-la sagrada, que o homem bõ tolheu a paterna de sôbe-lo Santo Vaso, chamou Galaaz e disse-lhe: Vem adiante, sergente de Jesu Cristo e veerás o que tanto desejava sempre a veer»

Só neste momento, portanto, o Graal se descobre perante Galaaz, Boorz e Persival. Revelado porém, e «saída do corpo» a alma de Galaaz, a sua presença sobre a terra vai terminar:

«Tam taste que el foi morto, avêo ãa grã maravilha, que Boorz e Persival viram que ãa mão veo do céu, mas nom virom o corpo cuja a mão era, e filhou o Santo Vaso e levou-o contra o céu (...) assi que nunca houve homem na terra que pois podesse dizer com verdade que nunca i o er virom»

De facto, poderemos equacionar os tópicos fundamentais surgidos na *Demanda*, o Graal e o herói Galaaz, o que não significa que as tradições anteriores à tradição Cristã, isto é, as tradições celtas (galesa e irlandesa) não tenham tido outro herói; de facto, tanto na principal fonte da «Matéria da Bretanha», a *Historia Regum Britaniae* de Geoffrey of Monmouth, como posteriormente na obra de Chrétien de Troyes em França e na de Wolfram von Eschenbach na Alemanha, o herói é substancialmente outro: Persival.

Na realidade, trata-se de outra figura, outra personalidade, outro percurso; Persival, no conjunto de textos de raízes pré-cristãs, afigura-se essencialmente humano, com todos os erros, defeitos e falhas que a personalidade humana pode comportar. E, no decorrer da acção ele vai caminhando numa evolução constante, errando e aprendendo, até culminar no final com a sua Iniciação e posse do Graal. Na *Demanda* portuguesa, texto posterior a estas tradições e já plenamente cristianizado, não assistimos a semelhante percurso, quando vemos a figura de Galaaz. Não podemos, com efeito, esquecer que o ciclo intermédio de Robert de Boron veio contribuir em grande medida para estabelecer as influências judaico-cristãs na lenda arturiana. De facto, Galaaz nasce puro, apesar de seu pai, Lancelote, o grande pecador de adultério com a rainha Genebra, nasce puro, evolui conforme essa pureza e morre tornando-se senhor do Graal.

É pois, importante sublinhar o carácter humano e simultaneamente marcado pelo divino do herói Galaaz, sobretudo se tivermos em conta que o seu papel não se restringe aos textos arturianos em que surge.

De facto, o nome de Galaaz aparece já na *Bíblia* como nome de uma região a oriente do Rio Jordão, mas também de mais duas personagens bíblicas. Assim, pode afirmar-se que o nome de Galaaz é muito antigo e envolve também um significado sagrado. Já o mesmo não sucede com o nome de Perceval que não aparece no texto bíblico. Poderemos daqui concluir que o herói Galaaz, embora posterior a Perceval de Chrétien de Troyes, pode representar a

própria Humanidade, uma vez que realiza uma evolução dinâmica em contraste com Galaaz. Galaaz é, contrariamente a Perceval, o cavaleiro por excelência. Nele não existem erros a expiar, nem pecados para se arrepender, nem qualquer caminho psicológico a percorrer. Por isso ele pode equiparar-se à figura de Jesus Cristo, tendo idênticos poderes taumatúrgicos e também exorcísticos como o próprio Cristo. Em suma, ele possui todas as características salvíficas que Jesus Cristo revelou ter, e por isso ele é, na *Demanda*, o cavaleiro que ascenderá à posse do Graal, tornando-se, por um ano, rei do Graal.

O facto de Galaaz encontrar a morte no fim da *Demanda* (ao contrário de Perceval no texto de Chrétien) ocasionando o definitivo desaparecimento do Santo Vaso, deparou-se-nos como um motivo de reflexão que julgamos dever apresentar como hipótese. Se a *Queste* termina no momento da ascensão do Graal e da morte de Galaaz, referindo-se com brevidade ao ulterior destino dos seus dois companheiros, Boorz e Perceval, a *Demanda* incorpora o texto *Mort Artu*. Essa incorporação parece-nos significativa: é um relato profanizado e violento em que caoticamente os cavaleiros da Távola Redonda se degladiam entre si, se atraçoam e exercem as mais terríveis vinganças estabelecendo-se «mortal desamor entre el-rei e a linhagem do rei Bam». Assim, o texto da *Demanda* termina sombriamente com a morte do indigno Rei Mars da Cornualha, «*uñ dos desleaes homens do mundo*». Trata-se, com efeito, de um epílogo de carácter por assim dizer apocalíptico, como sublinham alguns arturianistas.

Como vemos mediante esta leitura, a questão põe-se fundamentalmente em termos da Cristianização da Lenda Arturiana, cujo grande mérito se deve fundamentalmente a Robert de Boron. No âmbito destas influências nas tradições célticas referidas, cabe aqui sublinhar a especial ocorrência paralela existente entre dois tópicos — o interdito e a ocultação.

Esse paralelo com os textos bíblicos (Antigo e Novo Testamento) surge ao longo do texto de certo modo também oculto ou implícito, já que em numerosos passos essa relação se torna bem explícita, nomeadamente na comparação da figura de Galaaz com a de Jesus Cristo e em milagres operados pelo herói que têm paralelo perfeito em passos dos Evangelhos.

Tal como o Graal, e já o dissemos, constitui um interdito para a visão humana, a face de Deus também se revela como tal. De facto, no livro *Êxodo* do Antigo Testamento encontramos uma referência bem explícita:

«Então disse Moisés: ‘Por favor, mostrai-me vossa glória’. Respondeu o Senhor: ‘Farei passar diante de ti a minha bondade e proclamarei diante de ti o nome Javé; e concederei graça a quem a concederei, e terei piedade de quem a terei’. E acrescentou: ‘Mas a minha face não poderás vê-la, pois o homem não me poderia ver e viver’. Disse ainda o Senhor: ‘Eis um lugar perto de mim, tu estarás sobre a rocha; e ao passar a minha glória, por-te-ei na fenda da rocha e te cobrirei *com minha mão*, até que eu tenha passado. Retirarei depois a *mão*, e me verás pelas costas; minha face, não pode ser vista’».

Como vemos, é a mão, pois, que oculta a face de Deus. Chegamos assim ao importante simbolismo ligado à mão: é a mão que abençoa e maldiz, que saúda e é garante de juramento e que em suma compromete a totalidade do ser humano. Insensivelmente nos ocorre a imagem da mão de Deus, poderosa, insuflando vida a Adão no célebre fresco da Capela Sixtina. Segundo M. M. Davy, a mão tem, de facto, na tradição bíblica um sentido de poder e de supremacia.

A manifestação do espírito de Deus é feita somente, e como já vimos no passo bíblico do *Êxodo*, através da mão. Trata-se de facto da revelação do espírito e da própria vida Divina que se exhibe igualmente no aludido fresco da Capela Sixtina.

Por outro lado no livro de Daniel, observamos que durante a festa orgiaca que o rei Belsasar oferece, surge uma misteriosa mão que inscreve palavras numa parede, as quais só Daniel decifrará, anunciando a morte do Rei. Essa mão misteriosa é de facto a mão divina que revela o poder e manifesta a força de Deus: «No mesmo instante apareceram os dedos de uma mão de homem que escreviam diante do candelabro, sobre o reboço da parede da sala régia, e o monarca via a extremidade da mão que escrevia ...» Daniel, 5,5.

Paralelamente na *Demanda*, verificamos que a mão se revela de suma importância não só ao longo da narração, onde por várias vezes surge uma misteriosa mão, como sobretudo no desfecho que é também o clímax de toda a *Demanda*. E aqui gostaria de sublinhar que me parece significativo que esse seja um dos passos semelhantes entre o texto da *Demanda* portuguesa de que me ocupo, e a *Queste* francesa.

É, aliás, também significativo relacionar o modo como o Graal e a Lança desaparecem da face da Terra num e noutro texto. Na *Demanda* a lança, que surge associada ao Graal em Corbenic, e é utilizada por Galaaz para sarar as feridas do Rei Peles, logo que tal acontece, «foi-se contra o céu, que nom houvesse poder de o teer assi como vos digo, aveo da lança vingador e do bacio que estava sô ela, que se partiram do reino de Logres, veendo-o Galaaz, e foi-se ao céu, assi como a verdadeira estória testemunha. Daquela santa lança nem daquel bacio nom sabemos mui bem nós se foram pera os céus; mas a vontade de Deus foi tal, que nom foi, de pois, homem em Inglaterra que dissesse que os vira».

Por seu lado, só muito mais tarde, depois da partida de Galaaz, Boorz e Persival para Sarraz, da sua permanência na prisão durante um ano, da coroação de Galaaz e da sua morte no «paço espiritual», o Santo Vaso é arrebatado:

«Tam taste que el foi morto, avêo ùa grã maravilha, que Boorz e Persival virom que ùa mão veo do céu, mas nom viram o corpo cuja a mão era, e filhou o Santo Vaso e levou-o contra o céu com tam grã canto e com tam grã ledice (...).»

Ora, na *Queste* a Lança e o Santo Vaso coexistem no «Palais Spirituel» até à morte de Galaaz depois de cuja morte a mão sem corpo «*alla droit au Saint-Vase, le prit, saisit aussi la lance, et les emporta au ciel (...)*».

Desde modo, verifica-se que, depois da morte de Galaaz e do desaparecimento do Graal, desvaneceu-se da terra a possibilidade de resgate. Mais ainda, se em Galaaz e no Graal se concentrava a virtude taumatúrgica e salvífica, o texto parece mostrar que depois disso a Graça abandonou o reino de Logres e os homens, deixando-os entregues aos seus ódios e vinganças. Termina a era dos Milagres e das Maravilhas de Galaaz, em suma, da «*festa postumeira do reino de Logres*» da qual ficará apenas a memória.

Bibliografia

- CHRÉTIEN de Troyes, *Perceval ou le Roman du Graal*, Gallimard, Paris, 1974.
Demanda do Santo Graal, ed. Augusto Magne, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944.
 Ed. de Joseph-Maria Piel concluída por Irene Freire Nunes, I.N.C.M., Lisboa, 1988.
La Quête du Graal, ed. Albert Béguin et Yves Bonnefoy, Seuil, Paris, 1965.
Dictionnaire des Symboles, Seghers, Paris, 1973, 4 volumes.
 BÉGUIN, Albert et BONNEFOY, Yves, «La Légende Arthurienne et le Graal», in *La Quête du Graal*, Seuil, Paris, 1965.
Bíblia Sagrada, Pontificio do Instituto Bíblico de Roma, Edições Paulistas, Lisboa, 1978.
 BOGDANOW, W. Fanni, «The Suite du Merlin and the Post-Vulgate Roman du Graal» in *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. by R. S. Loomis, Oxford University Press, London, 1959.
 BOGDANOW, W. Fanni, *The Romance of the Grail*, Barnes and Noble, New York, 1966.
 DAVID, Pierre, *Sentiers dans la Fôret du Saint Graal*, Coimbra, 1943.
 DAVY, M. M., *Initiation à la Symbolique Romane*, III chap., Flammarion, Paris, 1977.
 ELIADE, Mircea, *Méhistophélès et l'Androgyne*, Gallimard, Paris.
 ENTWISTLE, E. William J., *A Lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*, Imprensa Nacional, Lisboa 1942.

- FRAPPIER, Jean, *Le Roman Breton: les origines de la légende arthurienne; Chrétien de Troyes*, CDU, 1950.
- GENTIL, Pierre le, «The work of Robert de Boron and the Didot Perceval», in *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. by R. S. Loomis, Oxford University Press, London, 1959.
- LEBESGUE, Philéas, *La matière de Bretagne et l'Amadis de Gaule*, Institut Français au Portugal, Lisbonne, 1937.
- LOOMIS, R., «The Oral Diffusion of the Arthurian Legend», in *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. by R. S. Loomis, Oxford University Press, London, 1959.
- MARX, J., *La Légende Arthurienne et le Graal*, PUF, Paris, 1952.
- RIBARD, Jacques, «La Littérature médiévale d'origine celtique et le mythe», in *Problèmes du Mythe et de son Interprétation*, Belles Lettres, Paris, 1978.
- RIQUER, Martin de, *La leyenda del Graal y temas épicos medievales*, Prensa Española, Madrid, 1968.
- TODOROV, T., «La Grammaire du récit», in *Poétique de la prose*, Seuil, Paris, 1978.